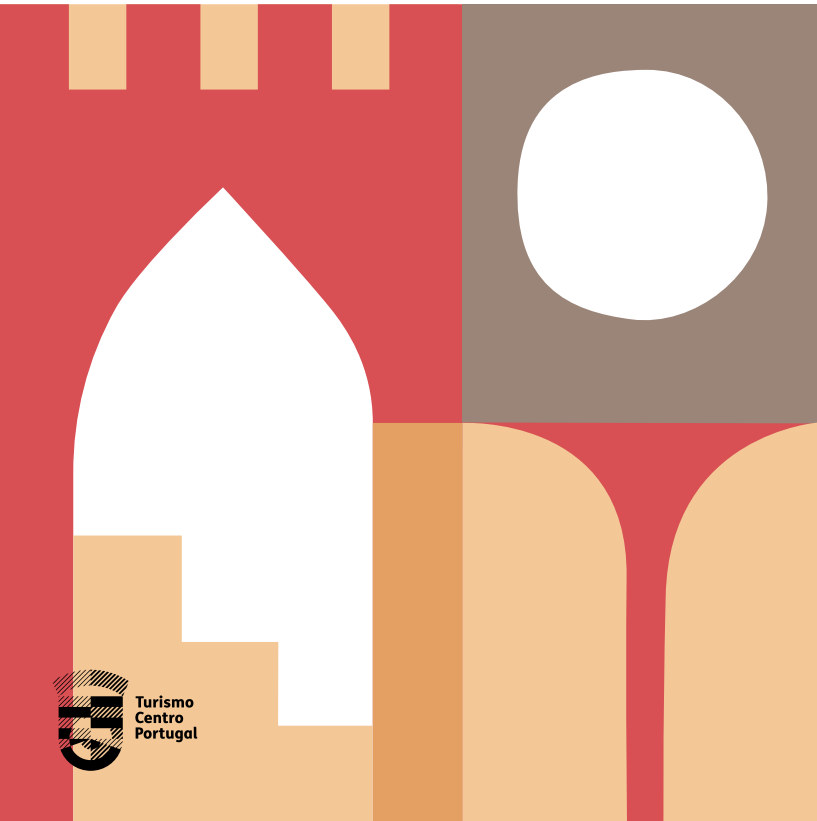
Roteiro

Património Mundial do Centro



Turismo Centro Portugal

Património Mundial do Centro

O Centro de Portugal é uma região vasta, rica e diversa que conta estórias sobre a nossa História e que revela segredos e mistérios aos olhares mais atentos e aos ouvidos mais interessados. Esta é a terra onde se conquistou o futuro e se cumpriram promessas. Esta é a terra que instituiu o conhecimento e que eternizou o amor. Esta é uma terra universal. Esta é a terra que o espera. Descubra-a connosco a partir dos seus quatro lugares classificados pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Três dias em
Alcobaça
P. 5

Três dias na
Batalha
P. 29

Três dias em
Coimbra
P. 51

Três dias em
Tomar
P. 75

Três dias em

Alcobaça

Com as suas origens associadas de forma umbilical à independência do recém-proclamado Reino de PortugaI, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça é muito mais que um dos símbolos primordiais da nacionalidade. Portento gótico que se eleva e expressa em formas de grandeza, pureza e beleza incontestáveis, o Mosteiro de Alcobaça é também o relicário da história de amor mais celebrada pelos portugueses. Desvende os seus mistérios e use-o como ponto de partida para a descoberta de um território único, de doces sabores e aromas de vinho e maçã.

Dia 1

1. Mosteiro de Alcobaça
2. Levada de Alcobaça
3. Jardim do Amor

Dia 2

4. Museu do Vinho de Alcobaça
- Cestas de Junco e Chita de Alcobaça

Dia 3

- Doçaria Conventual
- Maçã de Alcobaça
- Ginja de Alcobaça
- Frango na Púcara

5. Parque dos Monges
6. Vila de Aljubarrota
7. Mosteiro de Santa Maria de Cós

Alcobaça

Dia 1

O primeiro dia desta viagem por Alcobaça está reservado para o amor. O amor entre D. Pedro e D. Inês de Castro, eternizado no Mosteiro; e o amor dos dias de hoje, guardado a cadeado e partilhado pelas redes sociais.

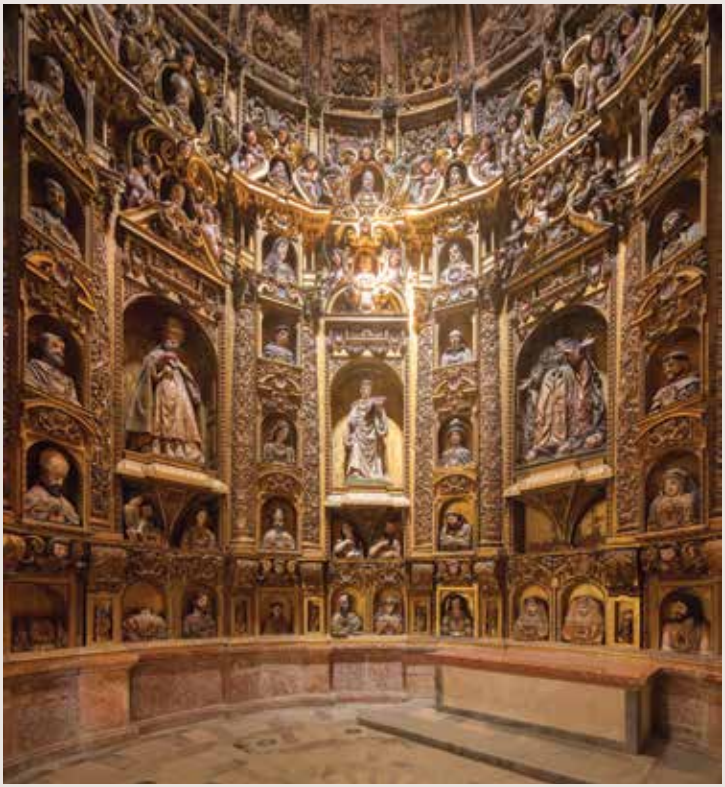
Apaixone-se no Mosteiro de Alcobaça

Em primeiro lugar saiba que a entrada e visita à Igreja do Mosteiro de Alcobaça, onde se encontram os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro, é gratuita e livre. Ou seja, pode entrar as vezes que quiser para apreciar o altar, para rezar ou simplesmente para tirar fotografias.

Típica da Ordem de Cister, a simplicidade da igreja salta à vista, por dispensar grandes ornamentos e imagens para chegar a Deus.

A visita começa pela Sala dos Reis, onde encontra esculpidas, pela mestria dos antigos monges barristas, estátuas dos vários monarcas portugueses. Repare que faltam os reis espanhóis. Foram esquecidos, diz-se.

O Claustro D. Dinis foi o primeiro a ser construído e, por isso, serve as principais dependências. Era também conhecido por Claustro do Silêncio por, em torno dele, circularem os monges em mudez voluntária por amor à Regra. Não deixe escapar os por-



menores escondidos nas paredes, lembranças e intenções para a oração. Seguimos para a Sala do Capítulo e para o Dormitório Comum, no piso superior, onde uma janela deixa espreitar os túmulos imortais de D. Pedro e D. Inês de Castro, que outrora deu acesso direto à Igreja.

Ao Refeitório está ligada a Cozinha, que impressiona pela considerável dimensão da chaminé. Peça desculpa às pernas e suba as apertadas escadas em caracol que acedem ao andar superior, de onde se tem uma vista deslumbrante sobre a cozinha.

Regressamos à Igreja e ao ponto alto desta visita: os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro, de pés virados um para o outro para que, quando se levantassem numa próxima vida, se encontrassem frente-a-frente. Deslumbre-se com os detalhes esculpidos, os pormenores de cada túmulo que narram estórias e relatam a vida de reis e rainhas, testemunhos de traição e de vingança e, acima de tudo, de amor. Uma curiosidade: a colocação destes túmulos numa igreja da Ordem de Cister é, por si só, uma exceção, já que tal nunca tinha acontecido,

nem com membros da própria ordem nem com os seus fundadores. Terá este sido um ato de reconhecimento pelo apoio do Rei à ordem ou terá D. Pedro feito valer o seu papel de soberano para garantir que ficaria junto da sua amada?

Este é o ponto de partida que lhe propomos primeiro e que em muito contribuiu para o reconhecimento deste lugar como Património Mundial da Humanidade, pela UNESCO, em 1989. Se preferir, pode mostrar interesse numa das visitas guiadas na bilheteira, que decorrem às 11h e às 16h. Às 15h, a visita é temática, ainda que verse sobre temas distintos de dia para dia. Caso não disponha de tempo para nenhuma destas opções, pode simplesmente adquirir um programa complementar, que é já um bom apoio à descoberta.

Perca-se pela Levada de Alcobaça e pelo Parque Verde

Acabados de sair do Mosteiro – e para aproveitar que a vida cisterciense ainda está bem fresca na memória –, rumamos à Levada de Alcobaça, o sistema de abastecimento de água do mosteiro. É na zona da Rua Costa Veiga que ainda é possível observar este complexo que inclui a Levada, um canal de grande caudal e a conduta de água potável. Se quiser conhecer mais pormenores sobre este sistema de primordial importância na vida da ordem cisterciense, siga para o Bairro Lameirão, onde é possível encontrar – além das estruturas próprias da Levada – outros vestígios da época, como fontanários.

A levada é acompanhada pelo Parque Verde e pelo seu circuito pedonal, que faz a ligação entre a "Nova Alcobaça" e o Jardim do Obelisco, no Mosteiro, e acompanha o curso de água entre o rio Alcoa e a Levada. Desfrute da vasta zona verde, do anfiteatro ao ar livre e de tudo o que pode agradar aos mais novos (e não só, claro).

Celebre o amor no Centro Histórico

A maior história de amor do país não se esgota nos túmulos dos seus protagonistas. Enveredando pelo centro de Alcobaça, não faltam convites para descobrir mais sobre o amor de Pedro e Inês. No Jardim do Amor, no exterior da Biblioteca Municipal, dois tronos, símbolos da realeza, transformam-se em cenário de sessão fotográfica, mesmo em frente a um grande coração de ferro. Não estranhe os pequenos cofres nas paredes e saiba que um pode ser seu. O Kit do Amor traz aloquete, chaves, ginja e maçã de Alcobaça e um pequeno papiro onde os apaixonados poderão jurar amor eterno. Pode ser adquirido no Posto de Turismo ou em lojas de comércio local.

Mesmo ao lado, encontra várias peças de cerâmica, pertencentes ao Percurso Camoniano – Pedro e Inês em Cerâmica de Alcobaça. Fruto da associação de estudantes de design com as empresas de cerâmica da região, interpretam o episódio de Inês de Castro de Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões.

Alcobaça

Dia 2

Dedicamos o segundo dia de visita à gastronomia e às tradições seculares ainda hoje importantes na vida da região. Começamos o dia a conhecer o vinho de Alcobaça e perdemos a noção das horas no centro histórico, onde encontrará a chita e as cestas de junco.

Um brinde ao bom vinho da Região no Museu do Vinho

Sobre a visita àquele que é considerado um dos melhores e mais completos museus de vinho em Portugal, damos-lhe o melhor motivo para ir e sorrir: a visita inclui uma prova de vinhos. Agora que já esboçou um sorriso, podemos avançar.

O Museu do Vinho de Alcobaça ocupa a antiga adega de José Eduardo Raposo de Magalhães, datada do século XIX e reúne em exposição mais de dez mil objetos relacionados com o processo de produção vitivinícola, contando ainda com um jardim dedicado a Baco, versão romana do grego Dioniso, o deus deste néctar. Vale a pena pela manhã bem passada de copo na mão.

Encha a mala de recordações

Um dos encantos de viajar e de descobrir novos lugares é trazer memórias inesquecíveis e encher a mala de recordações. No que às cestas de junco diz respeito, não faltam opções para todos os gostos, tamanhos e feitios nas várias lojas tradicionais de artesanato do centro de Alcobaça. É, no entanto, possível que já tenha ouvido falar de uma das marcas mais badaladas deste campeoneto. Feitas à mão na aldeia de Castanheira, em Alcobaça, as Cestas de Junco by Toino Abel, típicas da região, já são cartão-de-visita em muitas capitais europeias, tendo já chegado à Nova Zelândia. Das mais tradicionais às mais coloridas, das com às sem alças, há modelos para todos os gostos. Santa Marta, Santa Rita e Senhora da Luz são alguns dos nomes das coleções que funcionam também como embaixadoras da região, uma vez que se referem às igrejas da aldeia onde Nuno, o neto de António Freitas, que dá nome à famosa marca, ainda vive.

Se enquanto passeava pelas ruas de Alcobaça deu de caras com a Chita, saiba que é outra ótima recordação. A Chita é, nem mais nem menos, um tecido de algodão estampado trazido da Índia pelos portugueses no século XV. Em Alcobaça começou a fazer parte da vida dos habitantes no século seguinte e até Gil Vicente registou o hábito na "Farsa dos Almocreves". Os padrões ricamente coloridos, com pássaros, flores, animais, frutas, cornucópias e até ninhos, são motivos tradicionais da Chita que se tornou uma reconhecida marca de Alcobaça. A tradição mantém-se hoje pelas mãos de artesãos e *designers* locais, que vão modernizando e inovando nos padrões, mantendo a Chita no coração da vida da Região. Para além do baile e concurso anuais na Praia de São Martinho do Porto, pode encontrar Chita de Alcobaça nas várias lojas de recordações e de artesanato da cidade. Difícil é escolher o padrão que mais se gosta. Ou então levam-se todos.

Alcobaça

Dia 3

Não deixamos Alcobaça sem antes provarmos a sua gastronomia, dos doces à ginja, passando, claro, pela maçã. Damos motivos aos miúdos para sorrir, num parque temático que os transporta para a vida na Ordem de Cister; e descobrimos a pequena vila de Aljubarrota. Já de saída, fazemo-nos convidados numa das maiores pérolas ainda pouco conhecidas da região.

Mergulhe de cabeça na gastronomia local

Não podemos falar de Alcobaça sem referir as maçãs que aqui se produzem. Em sobremesas, compotas e até como acompanhamento, é importante saber que resultam de um "saber fazer" secular com origem nos monges cistercienses, pioneiros no seu estudo. O que também nasceu no seio da vida monástica foi a famosa doçaria de Alcobaça. Assente no secretismo dos seus ingredientes e em tradições seculares, a fama da doçaria conventual foi crescendo e é agora premiada nacional e internacionalmente. Na zona do Mosteiro, espreite a Alcôa e as suas delícias à base de gemas, açúcar e frutos sazonais e secos. Mas não se esqueça da boa ginja local. Além da famosa Ginja M.S.R, criada em 1930, existem muitas outras referências que valem a pena levar para casa. Esteja atento a referências de produção local, claro.

E nunca recuse um Frango na Púcara, com cebolinhas, presunto e toucinho entremeado. Repita até não aguentar mais.

Agrade a miúdos e graúdos no Parque dos Monges

Se anda à procura de divertimento para miúdos e graúdos, o Parque dos Monges é uma ótima aposta. Para além de proporcionar uma incrível viagem no tempo, este parque propõe aos visitantes experiências únicas, assentes em seis vertentes: ambiental, zoológico, aventura, temático, animação e alojamento. Leu bem: demore o tempo que quiser pois tem aqui onde passar a noite.

Na Quinta das Freiras é proposta aos visitantes a recriação da vida na antiga Ordem de Cister. Pode fazer doces no Museu dos Doces Conventuais, "viver" numa aldeia medieval, privar com animais no parque zoológico e até descobrir espécies autóctones e exóticas no Jardim Bíblico. Mas a diversão não fica por aqui: há espetáculos a toda a hora e, para fazer as delícias de toda a família, há atividades radicais como a escalada, o slide, a canoagem e até um comboio que passeia pela propriedade.

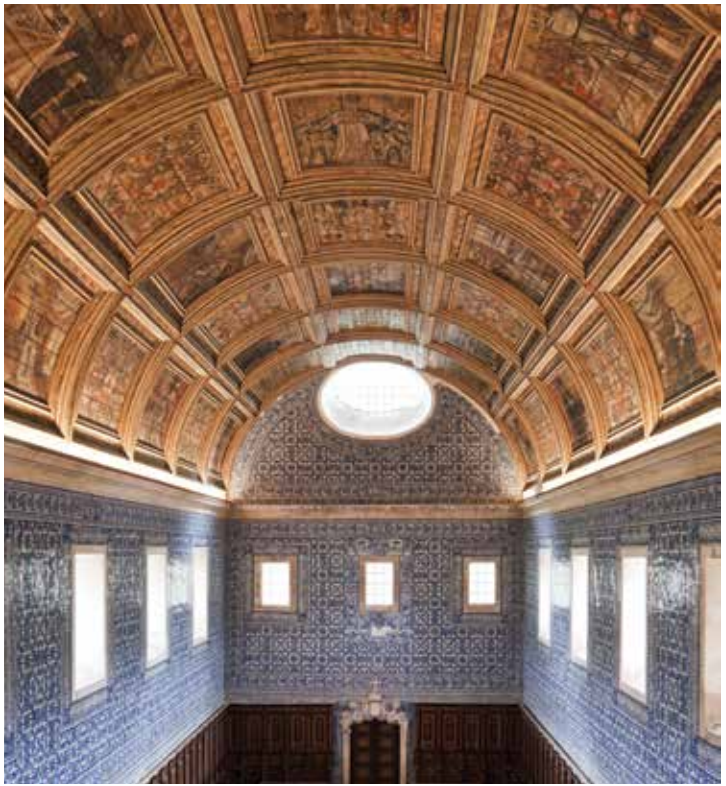
Celebre a nacionalidade portuguesa em Aljubarrota

Sabia que foi em Aljubarrota que afirmámos a nossa nacionalidade? Há muitas curiosidades sobre a pequena vila de Aljubarrota que deve conhecer... É apenas a seis quilómetros do centro de Alcobaça que encontramos o palco de uma das estórias mais importantes da História de Portugal. A icónica estátua da Padeira de Aljubarrota, as igrejas de São Vicente e a de Nossa Senhora dos Prazeres, o Pelourinho, a Torre do Relógio e o Núcleo de Arte Sacra de Aljubarrota são apenas alguns dos muitos pontos de interesse que poderá visitar. Para facilitar a visita, o posto de turismo de Alcobaça organiza visitas por marcação prévia. Se já não for a tempo de marcar a sua visita, saiba que existe, no site da Câmara Municipal de Alcobaça, um roteiro com toda a informação que necessita. Basta pesquisar por "Rota de Aljubarrota com Brites de Almeida".

Silentium Est Aureum - Mosteiro de Santa Maria de Cós

A expressão "o silêncio é de ouro" assenta perfeitamente ao Mosteiro de Santa Maria de Cós. Quem passa por esta relíquia do século XIII não tem ideia da beleza que se encontra dentro de portas. As portas estão normalmente fechadas mas há sempre alguém à espera na loja da frente, a Coz Arts, para as abrir e guiar a visita.

O Mosteiro de Cós é sinónimo de um silêncio ensurdecedor. Destacam-se as cores na decoração, surpreendentes pelo contraste com a simplicidade do Mosteiro de Alcobaça, ainda que ambos os monumentos pertençam à mesma ordem religiosa. Aqui, as monjas de Cister viviam em clausura, como é típico dos mosteiros femininos. Não deixe o espanto toldar a visão e repare nas cruzes nas pedras dos altares, sinais de uma Via Sacra, e nas maçãs que acompanham as figuras dos Anjos, que demonstram a importância do fruto na região já na época.



Repare no equilíbrio estético: as portas e os altares são iguais tanto do lado direito como do lado esquerdo. Esta era uma forma de não desestabilizar o momento de introspeção e de contacto com Deus. A visita segue pela sacristia, revestida a azulejos do século XVIII com passagens da vida de S. Bernardo, incluindo algumas tentações, algo incomum na época.

Sobre as monjas de Cister saiba ainda que rezavam, pelo menos, sete vezes por dia em conjunto e já na altura realizavam eleições democráticas e secretas, com recurso a favas pintadas de branco e dourado. Diz-se que foi neste contexto conventual que nasceu a expressão "(isso) são favas contadas".

De regresso ao exterior, repare nos dois claustros, destruídos aquando da extinção das ordens religiosas. Apesar do seu estado de ruína, é impossível ficar indiferente ao encanto desta pérola histórica, que ganha ainda mais valor por ainda não ter sido totalmente descoberta pelos visitantes.

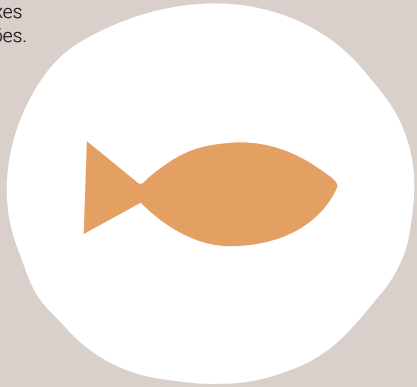
Sabia que?

É possível encontrar algumas pequenas e estreitas portas no refeitório doMosteiro de Alcobaça. Por se limitarem a comer e a rezar, os monges começaram a engordar e foi necessário criar outras passagens para a cozinha.

↓

Há uma fonte na cozinha do Mosteiro de Alcobaça onde, diz-se, eram apanhados os peixes servidos às refeições.

→



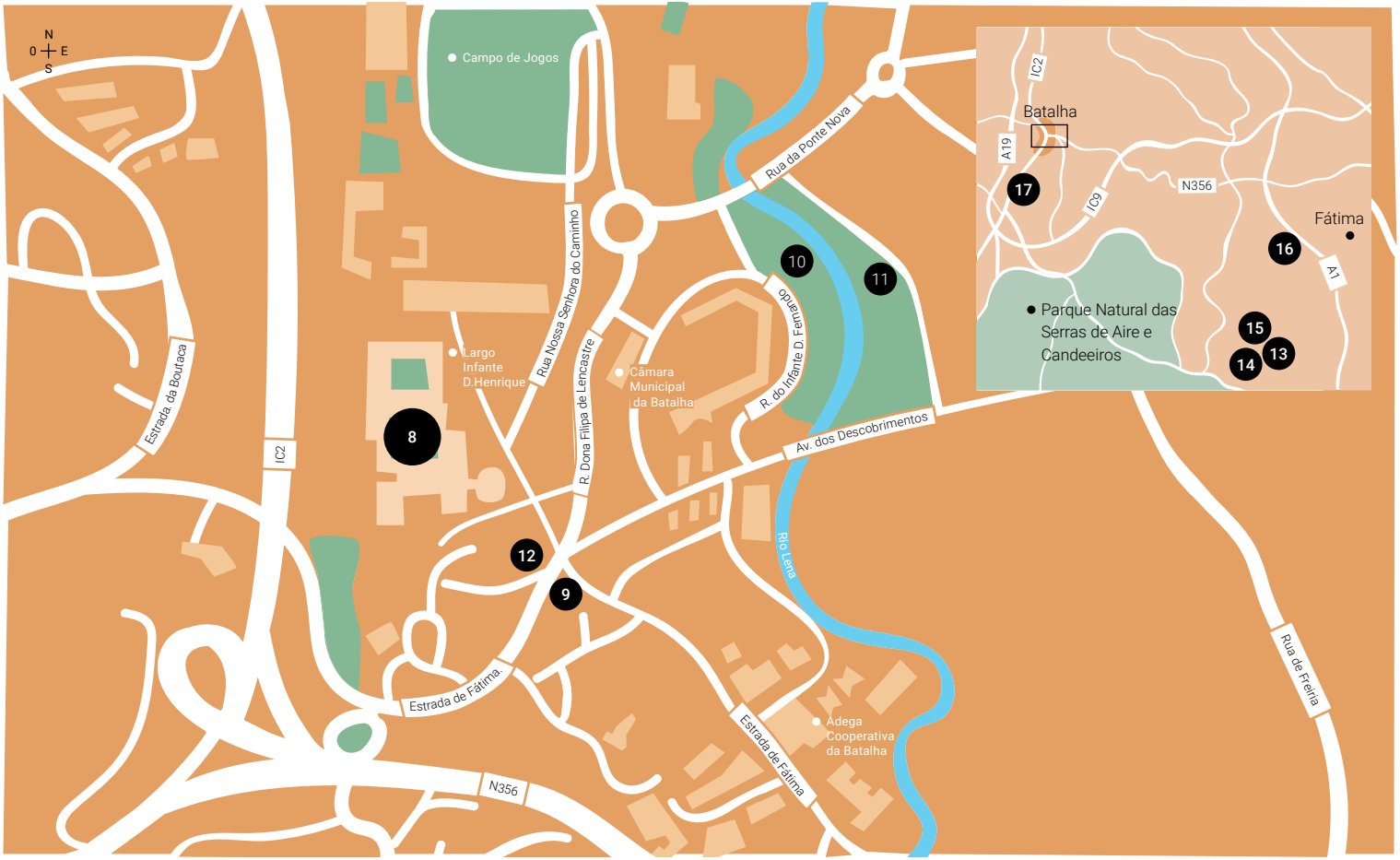
→

Foram os monges barristas que moldaram os reis portugueses que figuram na Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça. Se olhar com atenção vai perceber que, convenientemente, se esqueceram os reis espanhóis.

Três dias na

Batalha

O Convento de Santa Maria da Vitória, conhecido hoje como Mosteiro da Batalha, é a edificação em forma de agradecimento de um rei devoto à Virgem Maria pela conquista da emancipação dos portugueses e pela vitóriade todo um povo contra o esquecimento, na Batalha de Aljubarrota. Condensando inovações técnicas, arquitetónicas e artísticas irrefutáveis, o Mosteiro da Batalha eterniza também o génio criativo da Humanidade. Parta do Mosteiro e explore uma terra que a natureza e a história tornaram especial.



Dia 1

8. Mosteiro da Batalha
9. Igreja Matriz da Exaltação de Santa Cruz
10. Jardim do Lena
11. Jardim dos Infantes
12. Museu da Comunidade Concelhia da Batalha
- Morcela de arroz
- Pudim da Batalha

Dia 2

13. Ecoparque Sensorial da Pia do Urso
14. Centro de BTT Pia do Urso
15. Percurso Pedestre – Rota dos Moinhos

Dia 3

- Cavacas de Reguengo do Fetal

16. Grutas da Moeda
17. Centro Interpretativo da Batalha de Aljubarrota (CIBA)

Batalha

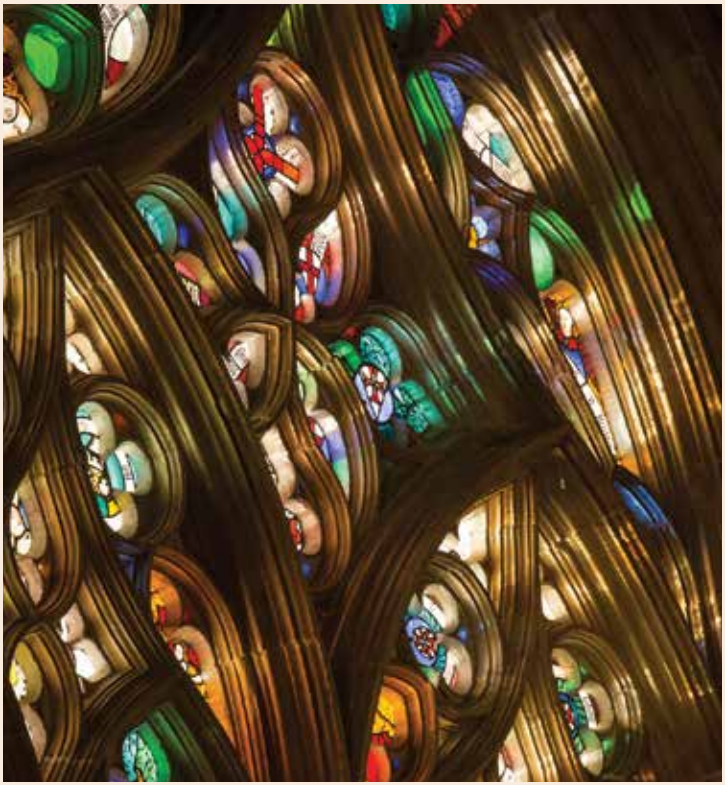
Dia 1

Entramos na Batalha pelo impressionante pórtico do Mosteiro, reservamos algumas horas para vaguear pelo centro histórico repleto de razões para atrasar o regresso e terminamos o dia à mesa, a descobrir uma das especialidades de enchidos mais peculiar do país.

Descubra o Mosteiro da Batalha

O Mosteiro de Batalha, Património Mundial da Humanidade da UNESCO desde 1983, impressiona logo pelo grande portal da entrada. A visita a este antigo mosteiro dominicano começa pela Igreja, que agradece aos seus 32 metros de altura o título de mais alta de Portugal. Porque é que a fizeram tão alta? Porque quando foi construída, em 1386, se acreditava que quanto mais alta fosse, mais perto de Deus se estaria. Além disso, foi a primeira a ser construída inteiramente em pedra e tem os vitrais mais antigos do país, do século XV.

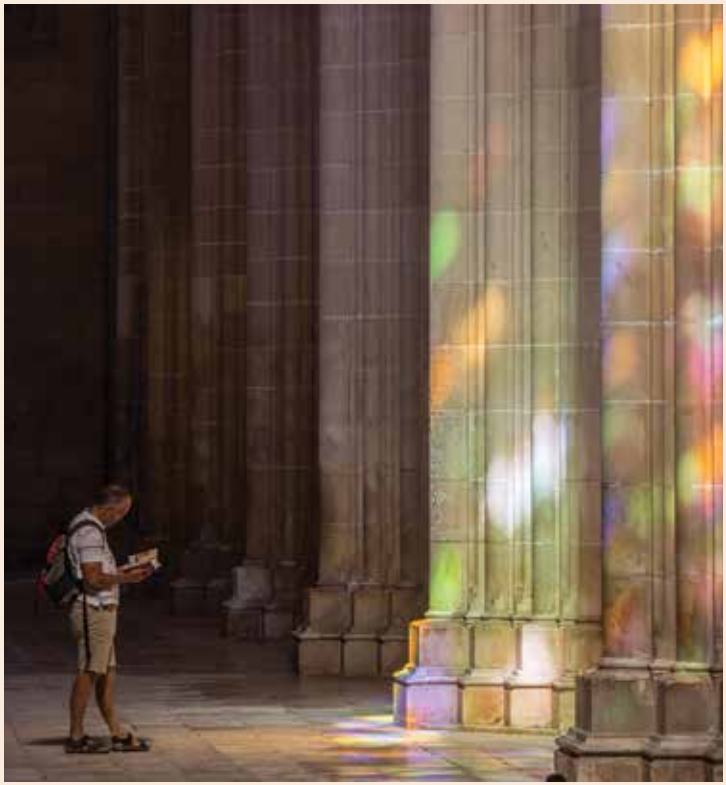
Segundo a Regra de Santo Agostinho, e à semelhança de outras ordens religiosas, os monges não poderiam ter posses. No entanto, pela ausência de povoados nas imediações do Mosteiro que pudessem contribuir para as suas despesas, através de esmolas ou donativos, foi pedida ao Rei uma autorização especial para lhes serem cedidas terras para sobreviverem.

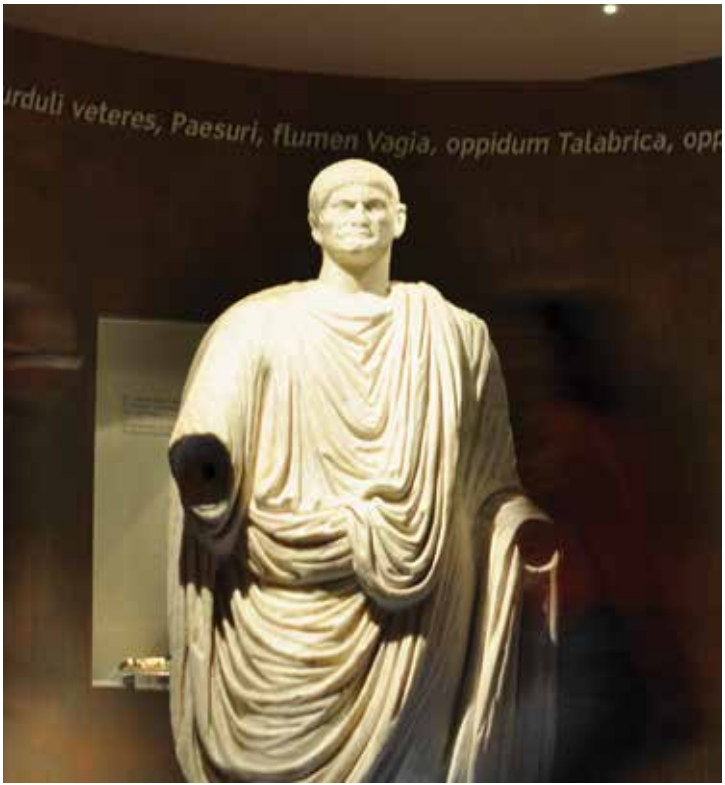


A primeira sala à direita é uma das mais importantes: a Capela do Fundador, mandada construir por D. João I. A construção deste panteão nacional trouxe consigo muitas novidades, como a tradição inglesa dos cônjuges serem sepultados em conjunto (D. Filipa de Lencastre, sua mulher, era inglesa). A atenção ao pormenor deriva do estilo gótico e todos os túmulos, tanto dos reis como dos seus filhos, exibem um epitáfio que retrata os seus feitos em vida. Os túmulos dos filhos encontram-se à volta das sepulturas dos pais, com a exceção do de D. Duarte, que se encontra nas Capelas Imperfeitas, uma vez que D. João I queria ser o único rei sepultado nesta sala. Repare na diferença entre o túmulo de D. Henrique e o dos irmãos. Pela sua importância durante os Descobrimentos mereceu honras fúnebres dignas de um rei.

O Claustro Real, também gótico, é o coração do Mosteiro e dá acesso a outro dos mais importantes espaços, a Sala do Capítulo. Tome atenção ao relógio para não perder o render da guarda, que acontece de hora a hora, honra ao Soldado Desconhecido. É ainda curioso saber que sob esta sala está a maior abóbada suspensa. Na época, era uma inovação tão grande que a sua construção ficou envolta por uma lenda, a Lenda da Abóbada. Segundo a mesma, o Mestre Afonso Domingues (ou o próprio Rei, segundo outra versão) permaneceu durante três dias sob a abóbada a certificar-se que não cairia. O mais curioso é que, quando as obras acabaram, já o rei tinha falecido, mas os portugueses preferiram "ressuscitá-lo" a reconhecer o mérito de um arquiteto estrangeiro.

Passamos, entretanto, pelo Claustro D. Afonso V, austero mas funcional, símbolo máximo da vida dominicana, e saímos do Mosteiro sem que a visita termine. Onde agora é possível desfrutar de um jardim com canteiros e árvores existiram, em tempos, dois claustros com aposentos e biblioteca. É este o caminho para as Capelas Imperfeitas, outrora feito por dentro. D. Duarte comprou os terrenos e iniciou a sua construção em estilo gótico e mais tarde D. Manuel redecorou as janelas. É uma mistura perfeita de estilos, portanto, onde residem agora os túmulos de D. Duarte e da sua esposa, ainda que não seja certo que ocupem a posição desejada pelo rei.





Passeie pelo centro histórico

À data da construção do Mosteiro não existia nenhuma população na Batalha, pelo que a vila foi crescendo em torno do monumento. O centro histórico vale muito pela quantidade de marcos históricos que aqui encontramos mas a melhor forma de nada perder é pedir um mapa no Posto de Turismo, mesmo ao lado do Mosteiro. Repare na fachada da Igreja Matriz da Exaltação de Santa Cruz, cujo pórtico de 1502 impressiona, sendo muito apreciado pelos visitantes; e se viajar com crianças, dispense algum tempo nos espaços verdes mais centrais, como o Jardim do Lena e o Jardim dos Infantes, que fazem as delícias dos mais novos.

Já o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, premiado nacional e internacionalmente, retrata a vida da Batalha desde as suas origens geológicas, paleontológicas e arqueológicas, passando pelos marcos mais importantes em termos históricos e artísticos.

Prove as iguarias regionais

Quem diz que passear não abre o apetite dificilmente poderá ser levado a sério. Na Batalha come-se e bebe-se muito e bem. Uma das mais famosas iguarias regionais é a morcela de arroz, ou branca, como também é conhecida. Tradicional de Reguengo do Fetal, é confecionada com arroz e carne mas, ao contrário de muitos outros exemplares desta espécie – também produzidos nesta região –, o sangue não entra na equação. Cozida ou assada, é uma presença habitual nos restaurantes da região, principalmente em sopas. Se quiser levar consigo para a dar a experimentar ao resto da família, saiba que a pode encontrar à venda na maioria dos talhos da região. Para acompanhar Não podem faltar os vinhos premiados produzidos na Adega Cooperativa da Batalha, que desde 1959 aproveita o que há de melhor nas encostas das Serras d'Aire. Para sobremesa aposte num Pudim da Batalha, com amêndoa e ovos.

Batalha

Dia 2

Prepare-se para dar corda às sapatilhas num dos dias mais físicos deste roteiro. A pé ou de bicicleta, partimos à descoberta da Pia do Urso, uma pequena aldeia a alguns quilómetros do centro da Batalha, com a certeza de que não encontrará nenhum urso pelo caminho.

Desperte os sentidos na Pia do Urso

Está na hora de dar corda às sapatilhas. O segundo dia desta viagem pela Batalha reserva a visita à Pia do Urso, uma pequena aldeia a sudeste da Batalha. A primeira paragem é o Ecoparque Sensorial da Pia do Urso. Procure o parque de estacionamento da entrada sul e deixe o carro para trás. Passe o parque de merendas, o parque infantil e o conjunto de casas e restaurantes que formam uma pequena aldeia. Controle a vontade de trocar a cidade por este pedaço de céu e pode começar o percurso. Além disso, todas as informações estão disponíveis em braile. Pelo caminho encontrará uma estação de educação ambiental, uma do período jurássico, uma sobre a Batalha de Aljubarrota, um miradouro, uma estação lúdica e outra musical, jogos e, claro, a Pia do Urso.

Trilhe os caminhos da natureza

Uma vez imersos na natureza da Batalha, existe, efetivamente, muito para fazer. Troque de meio de transporte e acompanhe-nos na próxima aventura. O Centro de BTT, o primeiro a ser reconhecido pela Federação Portuguesa de Ciclismo, é apenas um mero ponto de partida. E nem precisa de tirar o carro do estacionamento da entrada sul do Ecoparque.

Existem oito percursos disponíveis: um fácil, um moderado, três difíceis e dois muito difíceis, num total de 365 quilómetros de percurso assinalados. Só tem de optar, considerando o esforço e o tempo que quer dedicar a esta atividade, sabendo que o percurso mais pequeno tem 12,5 quilómetros e demora entre uma a duas horas e o maior se estende a seis ou sete horas para completar os 92,5 quilómetros. Contudo, não se preocupe: o centro tem balneários e uma zona de lavagem e pequenas reparações para as bicicletas.

Siga a rota dos moinhos

Depois da atividade física deste segundo dia, vai querer dormir ininterruptamente durante muitas horas. Deixamos a bicicleta e partimos à descoberta de um dos maiores tesouros da região, os moinhos. Ao todo existem quatro percursos marcados, dos 6 aos 9,5 quilómetros, conforme a vontade e o à vontade para o desporto. O Percurso Pedestre Rota dos Moinhos, um dos mais concorridos, começa junto ao Hostel Pia do Urso, perto da entrada norte do Ecoparque Sensorial da Pia do Urso e, ao longo de 6,7 quilómetros, passa por vários moinhos, alguns ainda em funcionamento. Passamos pelo Moinho do Zé Cuco, reconstruído recentemente; pelo Moinho do Manuel Moleiro e pelo do Mocho, que conta com vista privilegiada para a Capela de São Mamede e seguimos pelo caminho dos romeiros do século XVI. Do conjunto dos dez moinhos outrora existentes são visíveis, hoje, dois, num percurso que dura aproximadamente três horas.

Batalha

Dia 3

Não voltamos a casa sem nos transformarmos, ainda que por apenas algumas horas, em destemidos guerreiros da Batalha de Aljubarrota, contamos os dias que faltam para as festas religiosas de Reguengo do Fetal e mergulhamos ao interior da Terra para encontrar algumas das mais belas paisagens da Batalha.

Prepare o regresso a casa com doces na mala

Vamos às más notícias primeiro: 1) está quase na hora de dar esta visita por terminada; 2) esta especialidade de cavacas só se encontra durante as festas religiosas em nome da Senhora do Fetal, em Reguengo do Fetal. Também conhecida como "Festa dos Caracóis", estas festividades destacam-se pelas procissões noturnas iluminadas por velas feitas com cascas de... caracóis. As boas notícias são que estas festas acontecem todos os anos, entre setembro e outubro.

Diz a história que as Cavacas de Reguengo do Fetal integravam as fogaças, grandes tabuleiros de madeira, forrados com toalhas de renda onde se transportavam vários produtos regionais. Além disso, estas cavacas assemelham-se a nuvens, tanto pelo seu aspeto, com uma cobertura branca de pasta de açúcar, como pela sua leveza.

Mergulhe nas profundezas da Moeda

Quando dizemos que vamos mergulhar a fundo estamos a ser bastante literais, já que estas formações calcárias em São Mamede exigem uma descida de 45 metros. São um dos pontos altos de qualquer visita à Batalha e devem o seu nome a uma lenda, segundo a qual um ladrão roubou um homem abastado e caiu no algar, levando consigo uma bolsa cheia de moedas. Os 350 metros de extensão visitável prometem algumas das mais belas paisagens geológicas da região. A visita à gruta conta ainda com um filme explicativo sobre a formação deste tipo de fenómeno, recomendando-se ainda o programa que inclui a descoberta do Centro de Interpretação Científico-Ambiental, um espaço interativo onde miúdos e graúdos podem descobrir fósseis, minerais e todas as curiosidades sobre a formação das Grutas da Moeda.

Seja guerreiro em Aljubarrota

Se a famosa Batalha de 1385 é um tema que o fascina, o Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota construído no local onde esta se travou irá, sem dúvida, agradar-lhe. Fica a apenas alguns quilómetros do centro da vila da Batalha, em Porto de Mós, e permite saber mais sobre uma das mais importantes vitórias dos nossos antepassados. A entrada é gratuita, tanto na zona exterior como em parte da interior. Na primeira existem pequenos binóculos que permitem ver e imaginar o que estaria a acontecer no campo e até mesmo as táticas utilizadas. A cronologia da própria batalha é de visita livre no interior do Centro, mas é possível comprar um bilhete e ter acesso a uma exposição com armamento e a um filme de cerca de 30 minutos com uma recriação da batalha. Se não tiver tempo para o vídeo e para a exposição, explore livremente o exterior.

Sabia que?

→ As Grutas da Moeda devem o seu nome a uma lenda que conta a história de um ladrão que caiu no algar com uma bolsa cheia de moedas que acabara de roubar, espalhando-as pelas grutas.

→ Os antigos romanos instalaram, nos solos férteis da Batalha, a cidade de Collippo, que significa povoado localizado numa colina. Escavações arqueológicas encontraram a imponente estátua do Magistrado Romano, exposta no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha. Esculpida em mármore, a estátua pesa 1 200 quilos e mede 2,20 metros.

Na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha está o Cristo das Trincheiras a acompanhar o Monumento ao Soldado Desconhecido. Ao contrário do que possa pensar, esta peça não é uma réplica, tendo estado presente em vários momentos de combate real.

→

Três dias em

Coimbra

Património Mundial da Humanidade desde 2013, a Universidade de Coimbra, Alta e Sofia abrange quatro núcleos arquitetónicos e históricos que correspondem aos momentos de criação, desenvolvimento, reestruturação e consolidação da própria Universidade. Este reconhecido centro de produção e disseminação de saber, que ao longo de sete séculos se estendeu aos quatro continentes que testemunharam o Império Português, contribuiu, por si só, como veículo de difusão cultural e polo gerador de novas ideias, mas sobretudo para a afirmação de um outro tesouro universal: a Língua Portuguesa.

Área classificada pela UNESCO como Património Mundial

Dia 1

18. Museu da Ciência
19. Universidade de Coimbra
20. Jardim Botânico
21. Sé Velha
22. Arco de Almedina
23. Rua da Sofia
24. Museu Nacional Machado de Castro
25. Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra

Dia 2

26. Portugal dos Pequenitos
27. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
28. Jardins da Quinta das Lágrimas
29. Convento São Francisco
30. Praxis

Chanfana, Leitão da Bairrada e doçaria conventual

Dia 3

31. Coimbra Judaica
32. Rota das Repúblicas Universitárias

♫ Canção de Coimbra

Coimbra

Dia 1

A visita a Coimbra não podia começar de outra forma que não por uma das salas de aula, na Universidade de Coimbra. Logo depois, continuamos a descoberta do Património Mundial da Humanidade na Alta e na Rua da Sofia, enquanto descemos em direção ao Mondego. O dia termina com uma vista privilegiada sobre a cidade e todo este património.

Ponha a lição em dia na Universidade de Coimbra

Que Coimbra recebe, diariamente, milhares de turistas não é segredo para ninguém. O que talvez não saiba é que a área classificada como Património Mundial da Humanidade se divide em quatro núcleos que contam a história de um das mais antigas universidades europeias: o Paço das Escolas, núcleo central na história da instituição; os Colégios da Rua da Sofia, onde a Universidade foi inicialmente instalada; os edifícios da Reforma Pombalina que marcam a evolução do conhecimento e da ciência no século XVIII; e o núcleo do Estado Novo, ligado à memória da ditadura no séc. XX. Iniciamos assim a visita pelo núcleo museológico do Museu da Ciência, para descobrir o Gabinete de Física, onde pode conhecer coleções de objetos e instrumentos científicos, e a Galeria de História Natural, que detém uma coleção didática de animais, plantas, fósseis, minerais, entre muitos outros objetos.

A alguns metros do Museu da Ciência encontrará, na Rua Larga, as Faculdades de Medicina e Letras, a Biblioteca Geral ou os Departamentos de Química e Física. Saiba que foram construídas na época do Estado Novo e que até o mobiliário foi desenhado propositadamente para cada edifício. Ao chegar à Porta Férrea, mesmo ao lado da Biblioteca Geral, repare nos vestígios de trajes de estudantes que deixaram, metafórica e literalmente, uma parte de si em Coimbra no momento da despedida. Deslumbre-se, depois, com o imponente Paço das Escolas, um espaço amplo inundado pela brancura dos edifícios que o rodeiam. As escadas da Via Latina dão acesso ao Palácio Real, onde passamos pela Sala dos Capelos, admirada de várias perspetivas, de acordo com a janela por onde escolhermos espreitar; e tire alguns minutos para apreciar a cidade, o rio e o próprio Paço de uma comprida varanda a que temos acesso logo a seguir.

Percorrendo o edifício por fora, admiramos a cidade de lés-a-lés. Tão ou mais entusiasmante que a vista típica de um autocarro de *sightseeing,* esta panorâmica inclui a Sé Velha e o seu claustro, a Sé Nova, o Museu Nacional Machado de Castro e a sua varanda imponente, o Mondego e as suas duas icónicas pontes, ambos os Mosteiros de Santa Clara e o recém-reabilitado Convento São Francisco.

A visita não termina sem a Capela de S. Miguel, impressionante pelas cores vivas dos azulejos originais (azuis, brancos e amarelos) e a Biblioteca Joanina, onde as estantes de livros se sucedem umas às outras, entre vermelhos, dourados e madeira tão antiga quanto a história deste lugar.

A subida à Torre da Universidade, essa, não está incluída no programa de visita. São 180 degraus que valem a pena pela vista oferecida do topo da torre, comummente conhecida entre os estudantes como a Torre da Cabra. Se outrora marcava o ritmo da vida académica, hoje os sinos convocam a comunidade estudantil para os atos mais solenes, assim como assinalam, em tom fúnebre, a morte de um professor.

Percorra a Alta e descubra a Rua da Sofia

Passear pela Alta de Coimbra é, por si só, passear por um Lugar Património Mundial da Humanidade. Se quisermos ser exatos, a Alta tem, ao todo, 22 edifícios classificados, incluindo o Jardim Botânico, o Colégio de S. Jerónimo e até a Sé Velha. Seguindo os Arcos, como é conhecido o Aqueduto de S. Sebastião, chega-se rapidamente ao Jardim Botânico. Os 13 hectares que o compõe incluem estufas, mata e canteiros temáticos, mas o que realmente importa é o sentimento de tranquilidade que se impõe mal se entra. E quanto mais se afastar das ruas movimentadas que o rodeiam, melhor. Um dos espaços mais concorridos é, sem dúvida, a sombra da grande árvore do patamar superior à estufa. Além de ser uma boa alternativa para entreter as crianças nas horas de maior calor, é também uma excelente aposta para casais apaixonados.

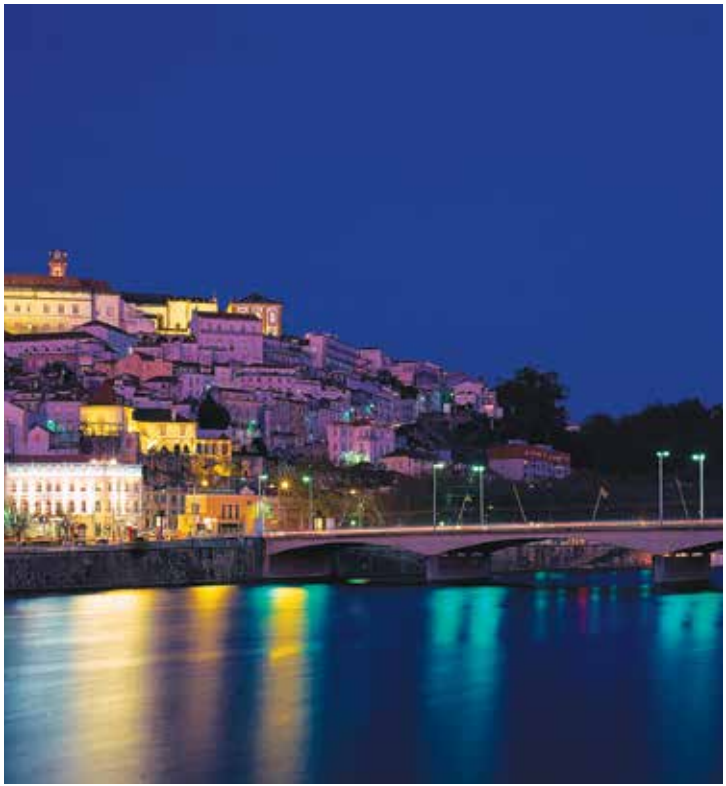
Depois do Botânico, aventure-se na Couraça de Lisboa, onde poderá desfrutar de uma magnífica vista sobre o Mondego. Siga caminho até à imponente Sé Velha, ainda hoje, palco de um dos mais importantes momentos da vida académica, como a Serenata da Queima das Fitas, que se realiza tradicionalmente em maio. Logo a seguir, o Quebra-Costas – uma escadaria íngreme que liga o largo da Sé ao Arco de Almedina. Diz-se que quem aí cair não só termina o curso na Academia, como acabará por casar na cidade. Chegamos ao Arco (ou Porta) de Almedina, a antiga porta da cidade medieval onde, ao lado, se encontra a torre, ainda hoje visitável. Mas o Património Mundial da Humanidade estende-se, claro, à Rua da Sofia, à qual chegamos depois de passar pela Igreja de Santa Cruz, Panteão Nacional onde estão sepultados o primeiro e o segundo reis de Portugal. Existem dez edifícios classificados nesta rua que foi essencial à consolidação da vida académica da cidade, pela instituição de muitos colégios que deram, por sua vez, origem à Universidade de Coimbra.

Um constante sobe e desce que vale sempre a pena

Aceite que as ruelas estreitas e de pedra são uma companhia e siga sem medo, sabendo que a qualquer momento pode encontrar um edifício com história. Outra dica importante: se subir vai ter, eventualmente, à Universidade; se descer, vai encontrar o rio. Perder-se faz parte do processo de descoberta da Alta de Coimbra.

Pelo caminho, não deixe de visitar o Museu Nacional Machado de Castro, também Património da Humanidade, não só por ter uma das melhores vistas sobre a cidade da sua varanda, mas também por ter sido centro político e religioso na época romana, templo cristão desde o século XI e paço episcopal a partir da segunda metade do século XII. Atualmente reúne em exposição metais preciosos medievais, cerâmicas, têxteis, mobiliário e objetos arqueológicos de mosteiros e conventos abandonados da região de Coimbra.

Perca-se pelas ruas e encontre o Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra, que ocupa a reabilitada Torre de Anto.



Um pôr do sol com vista para a cidade

Depois de todo o passeio, sugerimos-lhe agora que relaxe na pele de um local. Ora, se há coisa que um conimbricense sabe fazer é apreciar o bom que a vida lhe dá. Nos últimos anos, Coimbra tem aprendido a tirar proveito da bonita paisagem que a Alta tem e, com isso, nasceram espaços imperdíveis. Não faltam opções entre hotéis, cafetarias ou até mesmo alguns edifícios da Universidade, como o Departamento de Arquitetura, o Instituto Universitário Justiça e Paz ou a varanda do Convento São Francisco. Outra proposta aliciante é a descoberta dos vários miradouros da cidade, como o da Conchada, do Vale do Inferno ou o Penedo da Saudade.

Coimbra

Dia 2

Atravesse o rio com passos de gigante e descubra o Portugal dos Pequenitos; viaje no tempo em Santa Clara e celebre o amor numa quinta cheia de jardins e fontes românticas; e termine o dia a brindar ao panorama cervejeiro artesanal e à gastronomia de Coimbra.

Atravesse o Mondego e apaixone-se em Santa Clara

O "outro lado do Rio", como muitas vezes é referido, tem-se reinventado nos últimos anos e o dia fica, agora, reservado para conhecer alguns dos seus pontos mais icónicos. Começamos pelo Portugal dos Pequenitos, um paraíso para famílias com crianças. O nome explica tudo: é um parque temático com réplicas miniatura de vários locais importantes do país, incluindo a Torre da Universidade.

Seguimos, entretanto, para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, facilmente acessível a pé. A visita ao antigo mosteiro fundado por D. Mor Dias em 1283 – abandonado mais tarde por causa dos sucessivos avanços do rio – começa com um vídeo sobre a história do mosteiro e segue-se uma exposição de artefactos, pintura, fotografia e azulejos originais. No exterior é necessário puxar pela imaginação para ver locais que

já não existem, como o antigo Paço da Rainha Santa Isabel, avó de D. Pedro, palco do amor de D. Pedro e D. Inês de Castro e local da sua execução. Repare nas ruínas do Mosteiro onde são visíveis o fontanário, o claustro e algumas das antigas dependências. Na igreja é fácil perceber por onde andaram as águas do Mondego, através das marcas ainda visíveis nas paredes, e a vista sobre todo o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha ganha pontos no andar superior, melhor preservado.

Continuamos na mesma rua que outrora nos trouxe ao Mosteiro e damos de caras com a entrada da Quinta das Lágrimas. Era aqui que D. Pedro e D. Inês de Castro se encontravam secretamente e até se diz que D. Pedro recorria à canalização existente entre a Quinta das Lágrimas e o convento das clarissas para comunicar com a sua amada usando barcos de madeira que eram levados pelas águas da Fonte dos Amores. Além dessa, existe ainda a Fonte das Lágrimas, cujas águas terão, segundo a lenda, bebido das lágrimas de Inês aquando da sua morte. E a lenda vai mais longe e dita que a mancha avermelhada na rocha é sangue da própria.

Voltamos, geograficamente, ao início da tarde e ao Convento São Francisco. Suba até à entrada principal do Convento e tire todo o proveito da varanda com uma das melhores vistas sobre a cidade (principalmente ao por do sol), com a Universidade, claro, a tomar o lugar cimeiro da paisagem.

Um brinde artesanal

Tendo já sido uma das mais importantes em Portugal, a tradição cervejeira de Coimbra dá, atualmente, passos firmes no seu restabelecimento. Com isto queremos dizer que é possível beber boa cerveja em Coimbra, fugindo das marcas mais comerciais e massificadas.

Além de marcas tão icónicas da cidade como a Onyx, uma dark lager com 4,5%, e a Topázio, uma pilsner com 5,6%, que voltaram recentemente aos bares e às prateleiras dos vários espaços comerciais, existem ainda espaços inteiramente dedicados à cerveja artesanal. É o caso da Praxis que, recorrendo à água do próprio território, arriscou na criação de uma experiência totalmente voltada para a cerveja artesanal. É um três em um perfeito: um restaurante, um museu e uma produtora artesanal. Aqui, além de provar snacks e iguarias – muitas delas feitas à base ou com recurso a cerveja – pode ainda conhecer todo o processo cervejeiro, da "semente" ao copo.

Desfrute de uma mesa recheada

Segundo a tradição, e temendo o saque das tropas napoleónicas durante as Invasões Francesas, a população de Miranda do Corvo optou por usar vinho para conservar a carne dos animais de forma mais duradoura. Assim nasceu a chanfana, um prato de confeção demorada que, apesar de não ter origem em Coimbra, acabou por se tornar uma iguaria da cidade. Não deixe, por isso, de a provar num dos vários restaurantes especializados. Assim como o leitão, temperado com alho, sal, pimenta, salsa, toucinho, manteiga de porco, folha de louro e uma mão experiente. No entanto, a jóia da gastronomia conimbricence é a doçaria conventual, graças aos labores e saberes dos conventos e mosteiros da cidade: entre os Pastéis de Santa Clara, o manjar branco, as arrufadas, as queijadas, a barriga de freira e, mais recentemente, os crúzios, não faltam razões para se deliciar, levar um pouco de Coimbra consigo e partilhá-lo com quem mais gosta.

Coimbra

Dia 3

Mergulhe no mundo da vida académica de Coimbra, conheça as repúblicas universitárias e não parta da cidade dos estudantes sem se sentar numa mesa a ouvir a bela Canção de Coimbra. Só assim compreenderá a ideia de que "Coimbra tem mais encanto na hora da despedida".

Descubra a Coimbra Judaica

A construção de um país cristão fez com que os primeiros reis de Portugal usassem as comunidades judaicas existentes ao seu serviço e lhes concedessem privilégios pela ajuda no povoamento do território. Coimbra preservou, até hoje, muitas características e influências judaicas e a nossa sugestão é que passe agora algumas horas a conhecer a Coimbra Judaica, já que o mais antigo bairro judaico da cidade se situava na encosta, junto de Santa Cruz. Na altura, o bairro estendia-se até à atual Avenida Sá da Bandeira, onde se encontrava a Fonte dos Judeus. Esta era a Judiaria Velha. A Nova ficaria na zona do Largo de Sansão, e estender-se-ia entre a atual Rua Direita e o Largo da Freiria. O Pátio da Inquisição também faz parte deste roteiro judaico de Coimbra, assim como a praça 8 de Maio, antigo Largo de Sansão, onde realizavam mercados, festas e autos de fé e a própria Universidade de Coimbra.

Uma cidade de muitas repúblicas

As Repúblicas Universitárias são verdadeiras comunidades, casas de estudantes partilhadas ou residências universitárias alternativas que vão mais longe, pela vida boémia e pelas questões ideológicas associadas há muitos anos a Coimbra e à irreverência dos jovens que por cá passam. Já que estamos a falar de vida académica, vamos a uma pequena aula de história: em 1834, Joaquim António de Aguiar decreta a extinção das congregações, dos mosteiros e qualquer casa ou colégio religioso. Foi necessário criar uma alternativa para o alojamento dos muitos estudantes e assim nasceram as Repúblicas Universitárias. Atualmente existem cerca de 25 Repúblicas espalhadas pela cidade e muitas têm nomes engraçados: "Real República Rapó-Taxo", "Real República Rás-Te-Parta" ou "Real República Prá-Kys-Tão".

Ouvir a Canção de Coimbra

A Canção de Coimbra é a música que marca o ritmo da cidade. Intimamente ligada às tradições académicas, surgiu espontaneamente entre os grupos de estudantes, que se juntavam ao cair da noite nas suas próprias casas, nos cafés ou até no meio da rua. Cantado exclusivamente por homens, o fado conimbricense requer, ainda hoje, o traçar da capa do traje académico. Por isso mesmo, uma visita a Coimbra não está completa sem uma serenata, ainda que estas já raramente aconteçam no meio da rua. Além das várias casas que organizam espetáculos de Canção de Coimbra, as festas estudantis são sempre boas ocasiões para ouvir soar as guitarras e as vozes da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra ou das várias Tunas e Grupos de Fado da cidade.

Sabia que?

→

Ao todo, contam-se 32 edifícios classificados como Património Mundial, entre a Universidade, a Alta e a Sofia? São eles:

Paço Real
Jardim Botânico
Real Colégio das Artes
Casa dos Melos
Colégio de Jesus
Arquivo da Universidade
Imprensa da Universidade
Laboratório Chímico
Colégio de Santo António da Pedreira
Colégio de Santa Rita
Colégio da Santa Trindade
Casa das Caldeiras
Faculdade de Medicina
Departamento de Física e Química
Colégio de São Jerónimo
Colégio de São Bento
Associação Académica de Coimbra
Sé Velha
Faculdade de Letras
Departamento de Matemática
Biblioteca Geral
Colégio de Santo Agostinho
Colégio de S. Tomás de Aquino
Colégio de N. Sra. do Carmo
Antigo Colégio das Artes
Colégio S. Pedro dos Terceiros
Colégio de S. Boaventura
Colégio da Graça
Colégio do Espírito Santo
Palácio de Sub-Ripas
Mosteiro de Santa Cruz
Museu Nacional Machado de Castro

→

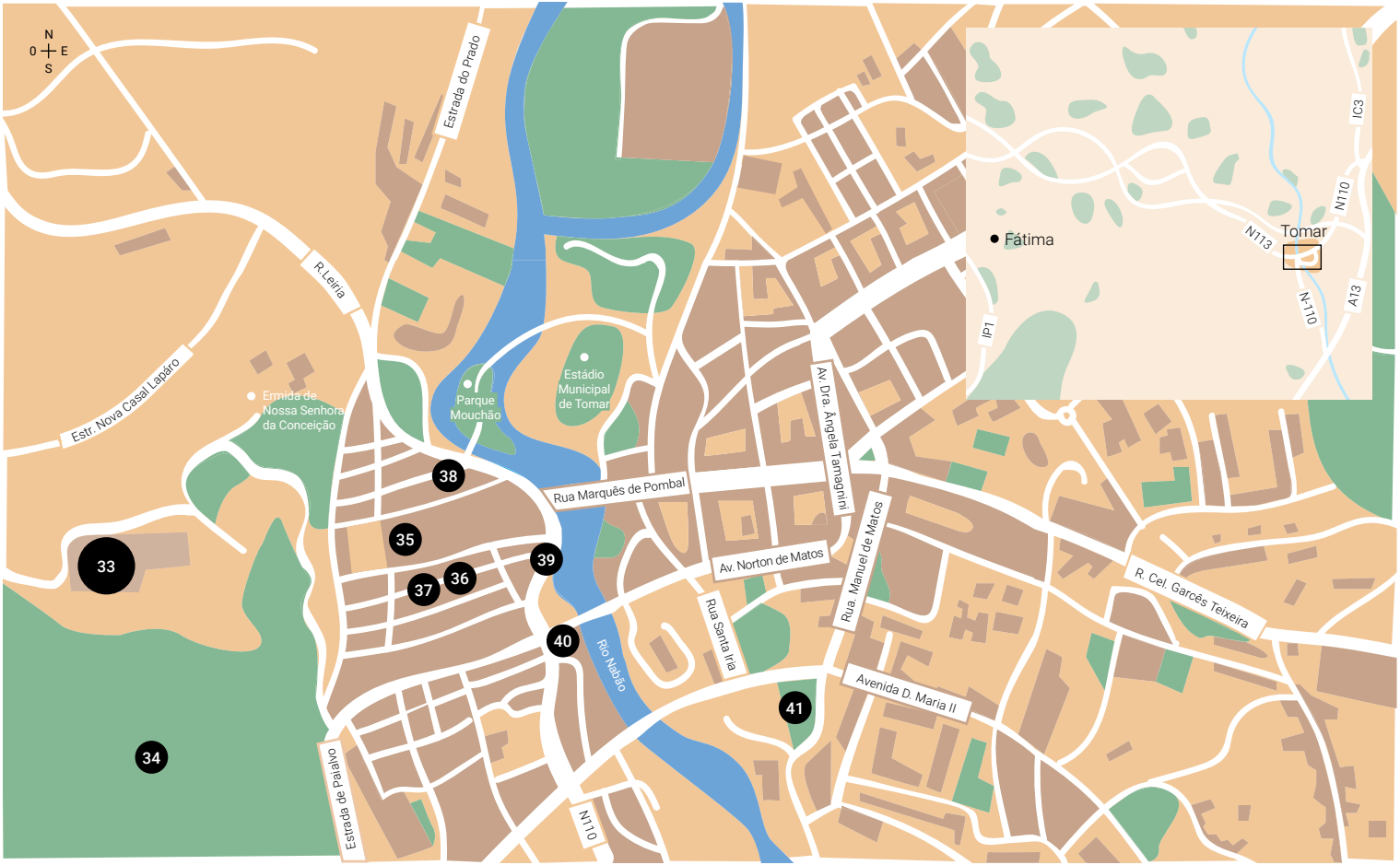
D. Pedro usava os canais das fontes que ligavam o Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha e a Quinta das Lágrimas para comunicar com a sua amada? Diz a tradição que usava barcos de madeira e o Cano do Amor, como foi batizado, está devidamente sinalizado nos jardins.

← Existem vários roteiros definidos que pode usar para complementar a sua visita? Há para todos os gostos, do Património Mundial aos escritores, da cidade muralhada à fundação da nacionalidade, do património visitável ao fado e às tradições, passando pelos jardins históricos e pelos interesses dos mais novos. Pode encontrar estes roteiros nos postos de turismo da cidade.

Três dias em

Tomar

Símbolo incontornável da História de Portugal, o Convento de Cristo é um dos maiores conjuntos monumentais de arquitetura peninsular e europeia. A ocupação pelos Templários e a Ordem de Cristo que lhes sucedeu em Portugal torna-o indissociável da grande epopeia dos portugueses pelo mundo. Sintetizando na sua arquitetura o mundo medieval e as marcas de um oriente então mais próximo, é um hino à portugalidade. Admire a sua beleza e aventure-se para lá dos muros, numa terra que exalta o mesmo apelo universalista nas suas marcas e nas suas gentes.



Dia 1

33. Convento de Cristo
34. Mata Nacional dos Sete Montes
- Fatias de Tomar
- Lampreia e sável

Dia 2

35. Igreja São João Baptista
36. Sinagoga de Tomar
37. Casa Memória Lopes Graça
38. Núcleo Museológico de Arte Contemporânea - Professor José-Augusto França

Dia 3

39. Levada de Tomar
40. Casa dos Cubos
41. Igreja de Santa Maria do Olival

- Doces conventuais

Tomar

Dia 1

A viagem por vários séculos que fazemos no Convento de Cristo é apenas uma das razões que justificam a sua classificação, desde 1983, como Património Mundial da Humanidade. O ponto alto da visita é a Charola, que surpreende pela riqueza decorativa e pelas cores vibrantes. Passeie pela antiga Cerca do Convento, agora Mata Nacional, e recupere energia à mesa, acompanhado de um bom sável ou lampreia e, claro, Fatias de Tomar.

Descubra o segredo dos templários no Convento de Cristo

O Convento de Cristo, edificado no século XII, é um autêntico repositório da História de Portugal, quer da construção e vida do país, quer em termos artísticos e arquitetónicos. A verdade é que se conseguem encontrar vestígios de várias épocas e escolas de pensamento nas paredes deste Convento da Ordem de Cristo.

A visita começa pelo Claustro do Cemitério e da Lavagem, ambos góticos do século XV com arcos em ogiva, que fazem a ligação entre o Castelo e a Charola. Ambos são surpreendentes: o do Cemitério porque muitas pessoas não se apercebem que estão a caminhar sobre as sepulturas de Cavaleiros da Ordem do Templo; e o da Lavagem porque a origem do seu nome é, ainda hoje, debatida, já que uns acreditam que se deve aos quatro tanques no centro do claustro e outros acreditam que era significado de purificação antes da passagem para a zona mais sagrada do Convento.

Com a extinção da Ordem por decreto de Roma, em 1312, o visionário D. Dinis reestruturou-a, mantendo-lhe as funções e as propriedades. Ordem do Templo passou, então, a ser conhecida como Ordem de Cristo.

A Igreja Fortaleza, ou Charola, é símbolo da fundação do reino de Portugal. A associação desta construção a uma igreja não é imediata, mas convém relembrar que a necessidade de defesa contra as incursões mouras exigia uma arquitetura mais robusta.

É natural que as pinturas façam lembrar uma mesquita, pelas cores e pelos desenhos, já que foi construída à imagem do Templo de Salomão, do século XII. Um aviso prévio: a dor no pescoço vale a pena para apreciar todos os pormenores desta Charola. Os retábulos de grandes dimensões mostram a vida de Cristo e as figuras orientalizadas são prova das viagens pelo mundo. Não deixe de reparar na pintura de S. Sebastião, numa das laterais, bem à altura do olho humano. Repare que o santo tem duas mãos direitas.

É com D. Manuel que a igreja é "rasgada" e nasce a Nave Manuelina – que marca a entrada e a saída da Charola, com quatro grandes janelões e pedra clara –, o coro alto e a Sala do Capítulo, de arcos abatidos com esfera armilar e Cruz de Cristo e que antecipa a famosa Janela do Capítulo, virada a poente. Chegamos ao Claustro Principal, obra-prima da arquitetura renascentista, revelando também experiências arquitetónicas de outros períodos. É por aqui que acedemos a uma das joias do Convento de Cristo, a Janela do Capítulo: sente-se e aprecie todos os pormenores desta fachada rica em simbologia. Repare nas assimetrias entre o lado direito e o esquerdo, onde encontra um sobreiro com raízes cortadas e inteiras, respetivamente. O lado esquerdo, também com anjos suspensos, representa o poder espiritual, enquanto o direito faz referência ao poder terreno.

É tempo de voltar ao Claustro Principal, que dá acesso a uma grande varanda com vista para a Mata Nacional dos Sete Montes, outrora pertencente ao Mosteiro. Com D. João III o espaço é ampliado e ganha características de Convento, com a adição de dormitório, refeitório e biblioteca. O Dormitório Grande fica num longo corredor, sendo ainda possível entrar em quartos, com vista privilegiada sobre a Janela do Capítulo.

A visita não termina sem a passagem pelo grande refeitório, pelo Claustro dos Corvos, dedicado ao estudo, e pelo Claustro da Micha, "pequeno" em francês, já que era aqui que se encontrava o forno onde era cozido o pão que se dava aos pobres e aos peregrinos.

Inspire memórias na Mata Nacional dos Sete Montes

Ali mesmo ao lado, a Cerca do Convento era o local de cultivo e recolhimento dos cavaleiros da Ordem de Cristo. É entre o arvoredo frondoso e exuberante de ciprestes, olaias, carvalhos e oliveiras que poderá encontrar a "Charolinha", um pequeno e enigmático templo de pedra, esculpido à imagem das torres-lanterna do Convento de Cristo e rodeado de um tanque circular que parece isolá-lo do mundo. Hoje conhecida por Mata Nacional dos Sete Montes, esta floresta em pleno centro de Tomar é o verdadeiro pulmão da cidade, sendo por isso mesmo o local ideal para caminhadas bucólicas e inspiradoras entre trilhos que cruzam o encanto das árvores com a memória não menos antiga dos Templários.

Tomar à mesa

A Fatia de Tomar é boa opção em qualquer altura do dia. Fresca e surpreendentemente leve, as fatias são também generosas, independentemente local que escolher para a provar. Alguns dirão que só os mais gulosos a conseguirão comer sozinhos. Feitas com (muitas) gemas de ovo, açúcar e água – mergulhadas depois numa calda – as Fatias de Tomar são tão exclusivas da cidade que a panela usada para as cozer foi aqui inventada e só é vendida na região. Diz-se que este doce conventual foi criado no Convento de Cristo e que era a sobremesa favorita dos frades, embora possamos imaginar que é a predileta de muito mais gente. Mas em Tomar a cozinha reserva-lhe mais surpresas. A lampreia e o sável são outras das iguarias que fazem as delícias de todos, principalmente se forem servidas com açorda de ovas, uma outra especialidade. Não hesite, por isso, em provar e não se espante se tiver de desapertar o botão das calças no final da refeição.

Tomar

Dia 2

O segundo dia de passeio por Tomar fica-se pelo seu centro histórico e pelas margens do Rio Nabão. Perca-se pelo labirinto histórico que desagua na praça central, onde se ergue a Igreja de São João Baptista, epicentro da grande Festa dos Tabuleiros; visite a recém-reabilitada Sinagoga de Tomar, símbolo máximo da vida judaica na região e mergulhe no mundo musical de Lopes Graça.

Perca-se na história da cidade

Um passeio pelo centro histórico de Tomar vale por si só e é merecedor de, pelo menos, umas boas horas (se quiser ir mesmo nas calmas). O centro é pequeno e quase parado no tempo, o que, neste caso, é um grande elogio. As ruas são estreitas e labirínticas, as casas pequenas e bem arranjadas. E a melhor parte é que o Convento de Cristo aparece sempre como pano de fundo, lá no alto. Aproveite para entrar na Igreja de São João Baptista, classificada como Monumento Nacional em 1910. Em plena praça central, surpreende pelo portal manuelino do século XV, pelos azulejos do interior e pelas pinturas alusivas à Última Ceia, de Gregório Lopes. Este é o epicentro da Festa dos Tabuleiros, que acontece de quatro em quatro anos. Não deixe de fazer uma paragem estratégica numa das várias confeitarias do centro.

Visite a única sinagoga proto-renascentista em Portugal

Depois de muitos meses em restauro, a Sinagoga de Tomar reabriu recentemente ao público. Além de obras de conservação, foram criadas novas infraestruturas de apoio à visita.

A Sinagoga de Tomar é o único exemplar do género no país, com influências orientais marcadas na planta quadrangular e na cobertura abobadada assente em colunas. Construída no século XV e encerrada aquando da expulsão dos Judeus de Portugal, em 1496, passou por várias funções, desde prisão até celeiro. Reconquistou a sua dignidade em 1921, ao ser classificada como Monumento Nacional. Um dos pontos altos da visita são as doze mísulas nas paredes, que simbolizam as doze tribos de Israel. As quatro colunas que sustentam a Sinagoga representam as quatro matriarcas: Sara, Rebeca, Léa e Raquel. As duas últimas, por serem filhas de Labão, foram destacadas com motivos vegetais na sua decoração.

Perca-se na Casa Memória Lopes Graça e no Núcleo de Arte Contemporânea

A dois passos da Sinagoga encontramos o museu que homenageia um dos maiores compositores e maestros portugueses. Fernando Lopes-Graça destacou-se no estudo do folclore nacional, sendo também autor de uma vasta obra literária sobre música portuguesa. O seu percurso como pianista inicia-se na cidade que o viu nascer, Tomar. Por isso mesmo, visite a Casa Memória Lopes Graça, que reúne objetos pessoais, partituras e peças musicais que são testemunho da sua atividade artística e política – a sua firme oposição ao regime fascista fez dele uma figura exemplar da luta pela democracia no nosso país.

Siga, agora, para o Núcleo de Arte Contemporânea, constituído por doação do Professor José-Augusto França. De entre as mais de centenas de obras de diferentes períodos, encontre trabalhos de Mário Eloy, Almada Negreiros, Vespeira, Cutileiro e até José de Guimarães.

Tomar

Dia 3

Comece o dia com vista para o rio na Levada de Tomar e na Casa dos Cubos; homenageie Gualdim Pais no seu local de repouso e não fuja do centro de Tomar sem levar consigo doces conventuais que são autênticas provocações.

Conhecer a cidade pela sua arquitetura

As zonas verdes que envolvem o Rio Nabão são uma boa opção para fugir do sol nos dias de maior calor, para descansar as pernas e para partir à descoberta do Complexo da Levada e da Casa dos Cubos, ambos marcantes na história de Tomar. A origem da Levada de Tomar remonta ao século XII. Por ser contígua ao rio Nabão, ganha muitos pontos no que à paisagem diz respeito. Destacam-se os antigos moinhos e lagares, duas fábricas de moagem e até uma central elétrica. E há boas notícias: está a ser reabilitada para que nasça o Museu da Levada de Tomar. A Casa dos Cubos, originalmente usada como casa de armazenamento e contagem de produtos agrícolas, transformou-se em espaço cultural e polivalente em 2007 e alberga o Centro de Estudos em Fotografia de Tomar. A sua reabilitação valeu-lhe um prémio de arquitetura de interiores, o Contract World Award em 2009.

Homenageie um herói nacional na Igreja de Santa Maria do Olival

Mais do que as três naves de um interior amplo, iluminado pela grande rosácea, e o despojamento típico das ordens mendicantes e as demais expressões do estilo gótico em Portugal, a Igreja de Santa Maria do Olival distingue-se também pela sua ligação à herança templária de Tomar e ao seu fundador: Gualdim Pais. Companheiro fiel do nosso primeiro rei em muitas batalhas contra os mouros durante o período de expansão do país, partiu mais tarde para Jerusalém, onde combateu durante cinco anos sob a bandeira da Ordem dos Templários. De regresso ao jovem Reino, Afonso Henriques confia-lhe o destino da Ordem em Portugal, da qual se torna Grão-Mestre em 1157. É a partir daí que transfere o futuro dos templários portugueses para Tomar, onde funda o magnífico Castelo e o Convento de Cristo. Mentor da Linha do Tejo e herói do cerco de Tomar em 1190, repousa, aqui mesmo, na Igreja de Santa Maria do Olival.

Regresse a casa de bagagem cheia

Faz parte do grupo de pessoas que leva recordações para toda a família? E se forem para comer ou beber ainda melhor? Então vamos a isso, que Tomar é um ótimo destino para encher a mala – e a barriga, já agora. Primeiro, porque não faltam bons exemplares de doçaria tradicional e conventual que merecem ser levados para casa. Depois, porque em Tomar já se pensa na difícil tarefa de transporte. Por isso mesmo, optar por doces que já vêm embalados é uma boa aposta. É o caso dos Beija-me Depressa, doces à base de ovos criados e feitos artesanalmente em Tomar, na confeitaria Estrelas de Tomar, a dois passos da Igreja de São João Baptista. Além de serem viciantes, vêm ainda numa caixa cor-de-rosa apelativa. E sejamos sinceros: ver a cara de alguém ao receber uma caixa que diz "Beija-me Depressa" é, por si só, sinónimo de uma boa gargalhada.

Sabia que?

↑

No refeitório do Convento encontra uma porta que deu, outrora, acesso à Sala da Iniciação.Tem o número 48 e uma figura com três caras pintados no teto. O que é que significa? O ontem, o hoje e o amanhã.

↓ Procure a pintura de S. Sebastião na Charola do Convento de Cristo e repare nas suas mãos. Gregório Lopes pintou-o com duas mãos direitas e até hoje ninguém sabe se terá sido apenas distração do artista.

↑ Seja das poucas pessoas a encontrar o cão e o gato na Janela do Capítulo. Procure a esfera armilar do lado direito; depois deslize o olhar ligeiramente para a esquerda e encontrá-los-á na vertical.

Informações

Família
Património
Gastronomia
Natureza
Desporto

ALCOBAÇA

Posto de Turismo
Morada:
Rua 16 de Outubro, 7
Contacto: 262 582 377

1.Mosteiro de Alcobaça
Morada:
Praça 25 de abril
Horário:
abr – set 09:00 - 19:00
out – mar 09:00 - 18:00
(última entrada meia hora antes do encerramento da bilheteira)
Contacto: 262 505 120
Preço: 6€ (outros preços e descontos sob consulta)

3.Jardim do amor
Morada:
Jardim da Biblioteca Municipal de Alcobaça
Rua Araújo Guimarães
Horário:
seg - dom 07:00 - 19:30

4.Museu do Vinho de Alcobaça
Morada:
Rua de Leiria
Horário:
ter - dom
10:00 - 12:00 e 14:00 - 17:00
Contacto: 968 497 832
Preço: 3,60€ (outros preços e descontos sob consulta)

5.Parque dos Monges
Morada:
Rua Quinta das Freiras, 10
Horário:
ter - dom 10:00 - 19:00
(bilheteira encerra uma hora antes)
Contacto:
262 581 306 ou 911 001 404
Preço:
10€ (outros preços e descontos sob consulta)

6.Posto de Turismo de Aljubarrota
Morada:
Praça do Pelourinho, Aljubarrota
Horário:
seg - sex
09:30 - 12:30 e 14:00 - 17:00
Contacto: 262 507 113

7.Mosteiro Santa Maria de Cós
Morada:
Rua Santa Rita, Coz
Horário:
ter - sáb 09:30 - 12:30
e 14:00 - 18:00;
Contacto: 969 642 970

BATALHA

Posto de Turismo
Morada:
Praça Mouzinho de Albuquerque
Contacto: 244 765 180

8.Mosteiro da Batalha
Morada:
Largo Infante D. Henrique
Horário:
1 abr – 15 out 09:00 - 18:30
16 out – 31 mar 09:00 - 18:00
(última entrada meia hora antes do encerramento da bilheteira)
Contacto: 244 765 497
Preço: 6€ (outros preços e descontos sob consulta)

9.Igreja Matriz da Exaltação de Santa Cruz
Morada:
Largo Goa, Damão e Diu

10.Jardim do Lena
Morada:
Rua do Infante
Horário:
Aberto 24 horas

11.Jardim dos Infantes
Morada:
Avenida dos Descobrimentos, 330
Horário:
Aberto 24 horas

12.Museu da Comunidade Concelhia da Batalha
Morada:
Largo Goa, Damão e Diu, 4
Horário:
qua - dom
10:00 - 13:00 e 14:00 - 18:00
Preço: 2,50€ (outros preços e descontos sob consulta)
Contacto: 244 769 878

13.Ecoparque Sensorial da Pia do Urso
Morada:
Rua da Pia do Urso, 19
Horário:
Aberto 24 horas

14.Centro BTT Pia do Urso
Morada:
Ecoparque Sensorial da Pia do Urso
Horário:
Verão – 09:00 - 19:00
Inverno – 09:00 - 17:00
Contacto:
centrobtt@cm-batalha.pt

15.Percurso ciclável Rota dos Moinhos
Contacto: 244 765 180

16.Grutas da Moeda
Morada:
Largo das Grutas da Moeda, São Mamede
Horário:
16 out – 15 mar 09:00 - 17:00
16 mar – 15 jul 09:00 - 18:00
16 jul – 15 set 09:00 - 19:00
16 set – 15 out 09:00 - 18:00
Contacto: 244 703 838
Preço:
Grutas e Centro de Interpretação Científico – Ambiental: 9€ (outros preços e descontos sob consulta)

17.Centro de Interpretativo da Batalha de Aljubarrota
Morada:
Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 120, Aljubarrota, Porto de Mós
Horário:
ter - dom 10:00 - 17:30
Encerra nos feriados de 25 de dezembro, 1 de janeiro, Domingo de Páscoa e 1 de maio
Contacto: 244 480 060
Preço: 7€ (outros preços e descontos sob consulta)

Informações

COIMBRA

Câmara Municipal de Coimbra
Morada:
Praça 8 de Maio
Contacto: 239 857 500

19.Universidade de Coimbra
Morada:
Largo da Porta Férrea
Horário:
1 mar – 27 out
Bilheteira: 08:30 - 19:00
Visitas: 09:00 - 19:30
28 out – 28 fev
Bilheteira: 09:00 - 13:00
e 14:00 - 17:00
Visitas: 09:30 - 13:30
e 14:00 - 17:00
Torre da Universidade:
16 mar – 31 out
10:00 - 18:00
Contacto: 239 242 744
Preço: 7 – 12,30€

20.Jardim Botânico
Morada:
Calçada Martim de Freitas
Horário:
abr – set 09:00 - 20:00
out – mar 09:00 - 17:30
Contacto: 239 855 215

21.Sé Velha
Morada:
Largo da Sé Velha
Horário:
seg - sex 10:00 - 17:30
sáb 10:00 - 18:30
dom e feriados religiosos
11:00 - 17:00
Contacto: 239 825 273
Preço: 2,50€

24.Museu Nacional Machado de Castro
Morada:
Largo Doutor José Rodrigues
Horário:
ter 14:00 - 18:00,
qua - dom 10:00 - 18:00
Contacto: 239 853 070
Preço: 6€

25.Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra
Morada:
Rua de Sobre Ribas
Horário:
ter - sáb
10:00 - 13:00 e 14:00 - 18:00

26.Portugal dos Pequenitos
Morada:
Rossio de Santa Clara
Horário:
jan – fev e 16 out – 31 dez
10:00 - 17:00
mar – mai e 16 set – 15 out
10:00 - 19:00
jun – 15 set 09:00 - 20:00
Contacto: 239 801 170
Preço: 9,95€

27.Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Morada:
Rua das Parreiras
Horário:
1 abr – 14 out
ter - dom 10:00 - 19:00
15 out – 31 mar
ter - dom 09:00 - 17:00
Contacto: 239 801 160
Preço: 4€

28.Quinta das Lágrimas
Morada:
Rua José Vilarinho Raposo, 1
Horário:
16 mar – 15 out ter – dom
10:00 - 19:00
16 out – 15 mar ter – dom
10:00 - 17:00
Contacto:
239 802 380
Preço: 2,50€

29.Convento São Francisco
Morada:
Avenida da Guarda Inglesa, 1A
Horário:
Seg – dom 15:00 - 20:00
Contacto: 239 857 190

30.Praxis
Morada:
Rua António Augusto Gonçalves, 28/29
Horário:
seg – sáb 10:30 - 02:00,
dom 10:30 - 01:00
Contacto: 239 440 207

TOMAR

Posto de Turismo
Morada:
Avenida Doutor Cândido Madureira, Tomar
Contacto:
249 329 823

33.Convento de Cristo
Morada:
Igreja do Castelo Templário
Horário:
out – mai 09:00 - 17:30
jun – set 09:00 - 18:30
(última entrada meia hora antes do encerramento da bilheteira)
Contacto: 249 313 481
Preço: 6€ (outros preços e descontos sob consulta)

34.Mata Nacional dos Sete Montes
Morada:
Praça do Infante D. Henrique
Horário:
out – fev 08:30-17:30
mar – set 08:30-19:30

35.Igreja de São João Baptista
Morada:
Praça da República
Horário:
seg – dom
10:00 - 12:00 e 14:00 – 18:00

36.Sinagoga de Tomar
Morada:
Rua Dr. Joaquim Jacinto, 73
Horário:
abr – set / ter - dom
10:00 - 13:00 e 14:00 - 18:00
abr – set / ter - dom
10:00 - 12:00 e 14:00 - 17:00
Contacto: 249 329 823

37.Casa Memória Lopes Graça
Morada:
Rua Dr. Joaquim Jacinto 25
Horário:
out – mar
qua - dom 14:00 - 17:00
Contacto: 249 329 823
cultura@cm-tomar.pt

38.Núcleo de Arte Contemporânea – Professor José-Augusto França
Morada:
Rua de Gil Avô, Tomar
Horário:
outubro – abril
ter – dom 10:00 – 13:00 e
14:00 – 18:00
maio – setembro
ter – dom 10:00 – 13:00 e
15:00 – 19:00
Contacto: 249 329 814
Preço: Gratuito

39.Complexo da Levada
Morada:
Rua João Carlos Everard
Contacto:
museologia@cm-tomar.pt

40.Casa dos Cubos
Morada:
Praceta Alves Redol
Contacto:
museologia@cm-tomar.pt

41. Igreja de Santa Maria do Olival
Morada:
Rua Aquiles da Mota Lima,
Horário:
abr – set
10:00 - 13:00 e 14:00 - 18:00
Contacto:
249 329 823 (Posto de Turismo de Tomar)

Edição
Turismo Centro de Portugal

Conteúdos
Local Heroes

Design
Degrau

Créditos fotográficos
Mosteiro de Alcobaça:
Fernando Guerra

Mosteiro da Batalha:
Alexandre Delmar

Convento de Cristo:
Nuno Moreira

Universidade de Coimbra,
Alta e Sofia:
Óscar Almeida

Turismo Centro de Portugal

Impressão
Tipografia Lessa

Tiragem
5.000 exemplares

Edição
Março 2020

Postos de InformaçãoTurística
Tursimo Centro de Portugal

Delegação Oeste
Morada:
Rua Direita, 87, Óbidos
Contacto:
262 955 060

Delegação Leiria
Morada:
Jardim Luís de Camões, Leiria
Contacto:
244 848 771

Delegação Coimbra
Morada:
Av. Afonso Henriques, 132,
Coimbra
Contacto:
239 488 120

Saiba mais em:
www.turismodocentro.pt
www.patrimoniomundialdocentro.pt

O Centro de Portugal é o coração de um país verdadeiramente excecional, uma terra que pulsa viva, do mar às mais altas montanhas e que testemunha, desde tempos imemoriais, a riqueza e a diversidade da nossa história. Descubra a maior e mais diversa região turística nacional, um território que continua a desafiar o tempo e o esquecimento e que convida sempre a celebrar uma cultura única, que é também universal.

1 dia é bom,
2 é ótimo,
3 nunca é demais.

Turismo Centro Portugal
Um país dentro do País

Promotores

Alcobaça
Batalha
Câmara Municipal Coimbra
Universidade de Coimbra
Tomar Cidade Templária

Co-Financiamento

Centro 2020
Portugal 2020
União Europeia
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Parceiro Estratégico
Direção Geral do Património Cultural

Colaboração Institucional
Direção Geral do Património Cultural